

Histórias e memórias de moradoras dos bairros Buenos Aires e Água Mineral

Francisco Alcides do Nascimento*

*Eu nasci em Picos, mas passei poucos anos lá. Eu vim com
família e aí cheguei aqui já adulta, fui trabalhar, trabalhar em
casa de família, viu, trabalhando, trabalhando.*
(Doralice Maria da Conceição, 2006).

O presente texto privilegia as vozes femininas, conforme foi registrado no título, como também indicado na epígrafe, depoimento de Dona Durica. Trata-se de uma mulher prolecta, nascida em outro município do Piauí, Picos, localizado na região sul. Lembrou que, quando chegou a Teresina, “já adulta”, veio com uma família, para trabalhar como doméstica. Recorda que viveu para o trabalho “trabalhando”, “trabalhando”. João Alexandre Barbosa destaca, em prefácio, que “o tempo da memória não se concretiza a não ser quando encontra a resistência de um espaço que se habitou com a existência sofrida do trabalho” (Barbosa, 1987, p. 15). Dona Durica, trabalhou, desde criança, em casa de família, de modo assemelhado ao depoimento de Dona Risoleta para Éclea Bosi: “[...] sempre tive que fazer tudo, botava a mesa, tirava a mesa, lavava louça, areava aquele talher danado de arear, com raspa de tijolo e batatinha.” (Bosi, 1987, p. 300). “Trabalhando”, “trabalhado”, “trabalhando”.

* Professor titular do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Fez estágio de pós-doutorado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Coordena o Núcleo de Pesquisa e o Grupo de Pesquisa Cidade, Tempo e Espaço, e ministra aulas na graduação e pós-graduação na UFPI. Publicou livros e artigos. Cidade e Memória são os campos de pesquisa com os quais trabalha. E-mail: toticonascimento@gmail.com.

Também versa sobre a cidade. Esta, entre muitas outras características, é mutável, e não me reporto apenas à cidade de concreto, que vemos e podemos enxergar, como registrou Ítalo Calvino em *As cidades e os olhos*, quando anotou que “[...] é o humor de quem a olha que dá a forma à cidade de Zembrude”. (Calvino, 1990, p. 64). É necessário, todavia, tratar da cidade física, a cidade projetada pelos engenheiros, arquitetos, urbanistas, agentes públicos ou privados. Do mesmo modo, é necessário lembrar de outros agentes construtores da cidade. Como defende Roberto Lobato Corrêa, ao narrar sobre os agentes produtores do espaço urbano, que este é resultado “[...] da ação de agentes sociais concretos, históricos, dotados de interesses, estratégias e práticas espaciais próprias, portadores de contradições e geradores de conflitos entre eles mesmos e com outros segmentos da sociedade.” (Corrêa, 2012, p. 43). Essa referência é relevante, uma vez que as mulheres que narraram as memórias que estruturam o presente artigo, também, trataram de conflitos com outros agentes construtores que atuavam nos bairros onde viviam. São elas que recebem o feixe de luz, no artigo por fazerem parte do grupo que Lobato Corrêa chamou de “grupos sociais excluídos”. Compõem o grupo de habitantes de Teresina que, antes de serem transferidos para os “bairros” Buenos Aires e Água Mineral, moravam em bairros atingidos pela abertura de ruas, avenidas, construção de praças e outros equipamentos públicos.

Do mesmo modo, é preciso apontar que não existe um único modo de pensar a cidade e as relações sociais que a formatam. Tais relações são múltiplas e complexas. Estamos partindo do pressuposto de que a cidade é uma construção humana, no sentido apontado por Ana Fani Alessandri Carlos, ao defender que “a sociedade constrói um mundo objetivo através da prática socioespacial, revelando suas contradições, num movimento que aponta um processo em curso, que tem sua base no processo de reprodução das relações sociais – que se realiza enquanto relação espaço – temporal.” (Carlos, 2004, p. 19).

O foco do texto é a cidade, com o recorte direcionado a dois bairros: Buenos Aires e Água Mineral, localizados na zona norte de Teresina, capital do Piauí, logo, se trata de lugares construídos e consumidos pelos agentes sociais aqui já nomeados. O recorte temporal abarca as décadas de 1960, 1970, chegando à de 1980, de forma muito rápida.

As duas mulheres trabalhadeiras, ao conceder as entrevistas, estavam lembrando, recordando do tempo pretérito. Elas recordam de outros momentos, mas o recorte feito aqui foi o da lida em “casa de família”, trabalho doméstico. É necessário, entretanto, registrar aquilo que elas esqueceram, também, de forma intencional ou não. Jô Gondar defende que “desnaturalizar o esquecimento é, portanto, o primeiro passo para que se possa abordar a memória enquanto construção social e histórica – e, evidentemente, política.” (Gondar, 2008, p. 97).

Lembrar e esquecer são constituintes de uma mesma moeda.

A epígrafe tomou um trecho das lembranças de Dona Durica, portanto, de memória privada, conforme registrado por Paul Ricoeur (2007), quando discorre sobre o olhar interior. Registra o autor que “três traços costumam ser ressaltados, em favor do caráter essencialmente privado da memória. Primeiro, a memória parecer de fato ser radicalmente singular: minhas lembranças não são as suas” (Ricoeur, 2007, p. 107). O autor anotou que “costumam ser ressaltados” e não defendidos, qualificados, interpretados. Na sequência, dando continuidade ao seu raciocínio, Ricoeur destaca que o segundo argumento é “o vínculo original da consciência como o passado parece residir na memória.” (2007, p. 107). Observe-se que, na tradução, não está escrito “a consciência reside,” e sim “o vínculo da consciência com o passado parece residir”. E finalmente, o terceiro argumento:

[...] é à memória que está vinculado sentido de orientação na passagem do tempo; orientação em mão dupla, do passado para o futuro, de trás para a frente, por assim dizer, segundo o movimento inverso de trânsito da expectativa à lembrança, através do tempo presente. (Ricoeur, 2007, p. 108).

Dona Durica, ao conceder a entrevista, estava com 92 anos, portanto, não trabalhava mais como doméstica, o trabalho dela, naquele momento, era com a memória. Bosi nos lembra que o passado pode ocupar quase todo o espaço mental do sujeito, como no caso dos velhos enfermos, e aposentados.” (Bosi, 1987, p. 29). Estes se encontram no eixo “passado-presente” e não no “eixo presente-futuro.” Estão no tempo de lembrar. Paul Ricoeur nos alerta: “lembrar-se de algo é lembrar-se de si.” (Ricoeur, 2007, p. 136). O trecho transcrito da fala do autor não é uma negação da existência da memória coletiva, e sim um questionamento: [não existiria] “um plano intermediário entre a memória individual e a memória coletiva. Eu existo, mas dependendo daqueles que aprovam a minha existência” (Ricoeur, 2007, p. 142). René Descartes proferiu um frase que se tornou repetida no mundo inteiro e caiu no domínio comum: “Penso, logo existo”.

Para trabalhar com a memória de algumas das mulheres que construíram os bairros Buenos Aires e o Água Mineral, lancei mão de entrevistas realizadas para projetos coletivos e individuais, executados pelo Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí (NHO-UFPI). São essas entrevistas chamadas de “depoimentos de história de vida mais sucintos e menos detalhados” (Delgado, 2006, p. 23). Nelas, quase sempre, dois pesquisadores participaram da sua condução. Acrescento que o trabalho sobre a memória, aqui realizado, permite que eu me oriente pelo que registrou Michel Pollak, ao destacar que devemos atentar mais para “[...] percepções da realidade, do que à factualidade

positivista subjacentes a tais percepções” (Polack, 1989, p. 2). Dito ao meu modo, as memórias com as quais estou trabalhando, nas entrevistas, estão relacionadas ao modo como as entrevistadas fizeram a leitura do mundo, ou seja, à percepção de cada uma delas.

O trabalho de construção das fontes orais aqui utilizadas foi realizado nos dois bairros mencionados. E para chegar às entrevistadas, quais foram as estratégias? A primeira, mas não a única, foi a utilização dos projetos desenvolvidos no NHO-UFPI relacionados ao processo de crescimento espacial de Teresina e ao modo como setores “excluídos” da cidade foram tratados pelo poder público. E quais foram os critérios estabelecidos para a construção da amostra de moradores dos dois bairros? Caminhadas realizadas por ruas e avenidas do lugar, localizando as pessoas que moravam há mais tempo no bairro e que se dispuseram a conversar com os pesquisadores. Foram entrevistados homens e mulheres deslocados pelo poder público, ou não, que chegaram ainda no início da ocupação dos bairros. Como foi feito para chegar a tais indivíduos? Os contatos iniciais e as primeiras entrevistas permitiram outras possibilidades.

O território de Teresina abrange 1392 km². A população total do município, em 1970, “era de 220.487 habitantes, dos quais, 181.062 residiam na zona urbana, o que equivale a 82,11%” (Façanha, 2003, p. 3). Os bairros Buenos Aires e Água Mineral estão localizados na zona norte da cidade. O primeiro “[...] teve sua origem, com a implantação da Estação Experimental Buenos Aires, do Ministério da Agricultura [...]” (Prefeitura Municipal de Teresina, 2018b). Já o Água Mineral passou a ser habitado no final da década de 1970, mas o crescimento populacional do bairro deu-se entre as décadas de 1980 e 1990. Nessa época, no bairro, não havia, água encanada, nem iluminação pública, e as casas eram todas de taipa (Prefeitura Municipal de Teresina, 2018a). O nome do bairro está relacionado com a existência de uma indústria que explorava água mineral na região.

As informações oficiais dão conta de que a ocupação dos dois bairros ocorreu entre os anos de 1950 e 1990, sendo que, nas duas áreas, moravam poucas pessoas até o início dos anos de 1970, quando Teresina passou por intervenções espaciais que modificaram o seu desenho urbano. O governador do estado, Helvídio Nunes de Barros (1966-1970), anotou que

[...] à época, a cidade era pequena, pessimamente iluminada, possui um deficiente e precário serviço de abastecimento de água e não dispõe de asfalto, esgoto sanitário ou sistema de comunicação. Teresina era, assim, o retrato da pobreza e do atraso do Piauí, denunciando a imprensa escrita local até a falta de produtos de primeira necessidade, como a carne e o café. (Barros, 1996, p. 15).

A representação da capital do Piauí feita por um ex-governador é de uma cidade com uma infraestrutura básica precária. O Piauí era e continua sendo retratado como o estado mais pobre do Brasil. O governador seguinte, o engenheiro Alberto Tavares Silva (1971-1975), se propôs criar uma imagem distinta daquela que acabamos de anotar. Zózimo Tavares recortou trecho de uma fala de Alberto Silva, quando este recorda que: “em 1971, quando assumi o Governo do Piauí, não tinha dúvida de que a imagem que se fazia do meu Estado não correspondia à verdade, de suas linhas virtuais, era como se sua face estivesse exposta ao reflexo do espelho em deformações” (Tavares apud Silva, 2018 p. 31).

Alberto Tavares Silva resolveu que, além ser governador, seria “meio prefeito também”: “[...] quando eu vi essas coisas feias aqui em Teresina eu não me conformei. Eu e Murilo [Rezende], secretário de Obras, fizemos um acordo com o prefeito Joel Ribeiro e fizemos uma espécie de uma prefeiturazinha auxiliar. Chamava-se Frente de Obras e Urbanização.” (Tavares apud Silva, 2018 p. 152). Essa “prefeiturazinha” realizou intervenções no tecido urbano de Teresina que marcaram a cidade. Contudo, depois de entrevistar o ex-prefeito de Teresina, tenho motivos para acreditar que não houve nenhum acordo entre os dois administradores, pois as citadas intervenções provocaram desconforto em Joel da Silva Ribeiro (2006), prefeito de Teresina (1971-1975).

Na mesma toada, o radialista Joel Silva recorda que, na década de 1960, Teresina

[...] era pequena, era acanhada, os serviços públicos muito raros, transporte público uma negação, saneamento básico inexistente e nós até pouco tempo 60, eu morei um certo período na rua Jonathas Batista, logo atrás de onde é hoje o Verdão e o estádio Lindolfo Monteiro era ali perto, o chafariz que era instalado numa das paredes da penitenciária que ficava entre a rua Rui Barbosa e Almirante Tamandaré, mas esse chafariz não dava pra atender aquela comunidade ali próxima do Verão. Eu morando na casa da tia, minha mãe. Eu ia buscar água no rio, no cambô, no cambô d’água, abastecia, o tratamento d’água era apenas ter que coar a água em pano, em tecido esse que era o tratamento da água e só hoje que a gente está avaliando os riscos que corria ou eu não sei se a poluição naquela, não era tão grave como é hoje. (Joel Silva, 2002).

Tomando da narrativa de Joel Silva apenas um dos aspectos da falta de infraestrutura de Teresina, observo que ele, como dezenas de outras crianças e adolescentes da cidade, transportava água para o abastecimento da casa onde morava. Podia abastecer no chafariz ou no rio Parnaíba; a água precisava ser coada em pano, visando retirar a sujeira visível.

Com o golpe militar, os prefeitos de capitais e cidades que eram tidas como de “segurança nacional” passaram a ser indicados. Aroldo Borges foi nomeado prefeito de Teresina em meados do ano de 1970 até março de 1971, um mandato “tampão”, assumindo o lugar de José Raimundo Bona Medeiros, que também cumpriu um mandato curto (10 de outubro de 1969 a 14 de maio de 1970). Antes dos dois prefeitos mencionados acima, Jofre do Rego Castelo Branco esteve à frente da administração municipal de Teresina, na condição de interventor, entre 31 de janeiro de 1967 e 10 de outubro de 1969. Esse prefeito contratou uma empresa do estado da Bahia para a elaboração de um plano de intervenção no espaço urbano da capital do Piauí. Como resultado dos trabalhos da referida empresa, nasceu o Plano de Desenvolvimento Local Integrado (PDLI). A montagem deste projeto permitiu que o município passasse a receber recursos do Serviço Federal de Habitação e Urbanismo (SERFHAU), órgão do Ministério do Interior.

Regianny Lima Monte, citando o PDLI, anotou que “a implantação desse plano significa o início do processo de planejamento indispensável à reorganização dos serviços internos e à capacitação da Prefeitura, para oferecer à comunidade teresinense os meios necessários ao seu desenvolvimento econômico e social” (Monte, 2010, p. 90). Esse plano foi empregado como instrumento norteador para, entre outras coisas, orientar o crescimento urbano de Teresina.

Em entrevista concedida a Regianny Lima Monte e Laécio Barros, Joel da Silva Ribeiro destacou o “bom trabalho” de Aroldo Borges, o prefeito que o antecedeu

[João Clímaco de Almeida] nomeou o Aroldo Borges, que levou para coordenação do planejamento o Homero Castelo Branco. Naquele tempo, recém- chegado no Piauí, e eles fizeram um bonito trabalho, eles resolveram implantar a Miguel Rosa Sul, e chegaram a fazer a retirada dos casebres, ao longo de todo o trecho ferroviário, dali do encontro da Miguel Rosa com a Joaquim Ribeiro, um pouquinho antes porque a estrada de ferro já ficava no nível do terreno. Ela ia, seguia em direção à ponte metálica, mas fazia uma curva, que era o ramal de Paulistana, e já tinha o, o trilho implantado até onde hoje é a Polícia Rodoviária do Piauí, no quilômetro doze, aí, dando os fundos pra estrada de ferro, era uma favela sem fim, com uns quatro quilômetros de extensão, uma casinha encostada na outra. [...]começava logo na Joaquim Ribeiro, não tinha a Miguel Rosa, ali era uma favela imensa, acompanhando os trilhos, o fundo das casas dava pros trilhos de um lado e doutro, aquilo bloqueava a cidade, aquilo não tinha alinhamento, então, aquilo vocês não podiam imaginar. (Joel da Silva Ribeiro, 2006).

No início do trecho recortado, o prefeito Joel Ribeiro está se reportando a um acontecimento político, à renúncia do governador Helvídio Nunes de Barros (1966-1970) para candidatar-se ao senado, o primeiro chefe do poder executivo do Piauí a ser eleito pela Assembleia Legislativa, mas indicado pelos novos mandatários do país. Com a renúncia, João Clímaco de Almeida (1970-1971), vice-governador, assumiu o cargo e nomeou, para a Prefeitura Municipal de Teresina, Aroldo Borges. É a este prefeito que Joel Ribeiro atribui o deslocamento de centenas de pessoas que moravam às margens de um trecho de ferrovia que cortava a cidade no sentido norte-sul, atravessando bairros como Piçarra, Macaúba, Vermelha, Tabuleta, até deixar a zona urbana da capital com destino ao município de Demerval Lobão.

O deslocamento das pessoas foi justificado pelos administradores em função da necessidade de abertura da Avenida Miguel Rosa. O entrevistado avalia que o prefeito Aroldo Borges e o seu coordenador de planejamento “fizeram um trabalho bonito”, porque resolveram implantar a avenida anteriormente mencionada. Chegaram a “retirar casebres”, ao longo de trecho ferroviário citado no parágrafo anterior “[...] ao longo de todo o trecho ferroviário, dali do encontro da Miguel Rosa com a Joaquim Ribeiro, uma favela, [...] dando os fundos pra estrada de ferro, era uma favela sem fim, com uns quatro quilômetros de extensão, uma casinha encostada na outra [...]”, uma favela, que na opinião do Joel Ribeiro, “[...] bloqueava a cidade, aquilo não tinha alinhamento, então, aquilo vocês não podiam imaginar” (Joel da Silva Ribeiro, 2006). Trata-se de uma ação de limpeza da cidade de casebres que impediam o crescimento da cidade, enfeando-a. Essa prática de afastar os menos aquinhoados economicamente foi recorrente no Brasil, durante o período republicano. Ribeiro narra que os indivíduos que moravam na favela foram transferidos para o bairro Mafrense, inexistente à época, entretanto, as entrevistas com as quais passamos a dialogar, a partir de agora, dão conta de que famílias foram alocadas em outros bairros.

Maria de Jesus Santos Viana registra que nasceu no bairro Matinha e quando saiu deste, para morar no bairro Buenos Aires, tinha 15 anos de idade. Recorda que

[...] saiu de lá pra passar aquela avenida lá do metrô [avenida Miguel Rosa]. Casa de taipa, coberta de telha, de palha também. Quando aquela Maria Fumaça passava, né, o pessoal corria pra jogar água em cima das casas, que era de palha, né, pra não pegar fogo, que muitas vezes quando a Maria Fumaça passava, né, pegava fogo lá nas casas. Era sala, cozinha, quarto, banheiro assim fora. O piso mermo era o chão batido, de barro. Aqui só era mato, mato mermo, quando nós chegamos pra cá era só mato e pedra.

A gente tava deitado, à meia-noite, parece que queriam forçar a janela, pra querer derrubar a janela, lobisomem, essas coisas assim. Tinha água não. Quando cheguei aqui, tavam cavando um poço pra fazer um chafariz, foi justamente bem lí no colégio. Nós ia buscar num chafariz que tinha lá na Água Mineral, tinha um chafariz. A gente ia lavar roupa naquele Poti, saia daqui pra lavar roupa lá. Casa pela aqui contava as casas. (Maria de Jesus Santos Viana, 2006).

A entrevistada lembra de detalhes marcantes do momento da transferência, da razão principal de deixar o Matinha, e que isso ocorreu na década de 1970; não pôde, porém, precisar o ano. Saiu do bairro, da casa onde morava, para que a Avenida Miguel Rosa, no sentido norte da cidade, fosse construída. Casa de taipa, coberta de palha, chão batido, banheiro fora de casa; lembra dos moradores jogando água do teto de suas casas para que as fagulhas soltadas ao vento pela Maria Fumaça não provocassem incêndios, em suas moradias. Lembra que, ao chegar ao Buenos Aires, o lugar ainda possuía uma boa cobertura vegetal: “Aqui só era mato, mato, mato, mato mermo, quando nós chegamos pra cá era só mato e pedra” (Maria de Jesus Santos Viana, 2006). A entrevistada reforça que aquilo que era chamado de bairro estava sendo ocupado. Lembra de uma lenda urbana de Teresina, a do Lobisomem. Lembra que o lugar não era servido de água potável. Para o abastecimento da casa era necessário ir buscar em um chafariz existente no Água Mineral.¹ Era possível lavar a roupa da família no mesmo chafariz ou na margem esquerda do rio Poti.

Sobre o deslocamento para o “bairro” Buenos Aires, disse ter gostado, mas que preferia o anterior porque, com 15 anos de idade, gostava de festas, gostava das praças e possuía muitas amizades; com a mudança, teve que “fazer” novas amizades. Na Matinha tudo era mais fácil, e era perto do centro de Teresina: “[...] tudo era mais fácil, tinha mais oportunidades” (Maria de Jesus Santos Viana, 2006). A narradora manifesta uma certa desterritorialização. No recorte da entrevista, Dona Maria de Jesus destaca que no lugar “só tinha mato e pedra”, mas recorda que o trabalho com pedras foi transformado em renda.

¹ “O bairro Buenos Aires teve sua origem com a implantação da Estação Experimental Buenos Aires, do Ministério da Agricultura, ali localizada (Estação Experimental Apolônio Sales, a qual atuava com irrigação e o Fomento Agrícola, que desenvolvia trabalhos com hortaliças frutas e criação de aves. As terras que ficavam próximas à estação eram praticamente desabitadas, cobertas por uma imensa mata, onde havia muita madeira. Embora alguns não soubessem a quem elas pertenciam ou pensassem que eram da colônia de pescadores, outros afirmavam que, na verdade, as terras eram da Prefeitura até a traçar ruas. [...] Em 1988, com o II Plano Estrutural de Teresina, (II PET), toda essa área, por demais extensa e com características ocupacionais diferentes, foi subdividida nos bairros Água Mineral, Bom Jesus, EMBRAPA e Mocambinho” (Prefeitura Municipal de Teresina, 2018b).

Eu quando cheguei pra cá mermo, o pessoal ajuntava essas pedrinhas pra poder vender. Quebrava pedra, essas pedra branquinha, a gente quebrava pra poder vender. Eu, minha mãe e o pessoal do bairro, né. E botava água pra poder ganhar um trocadinho, pra poder comprar o feijão, que nesse tempo ela (mãe) não era aposentada. Ela vivia de lavar roupa. (Maria de Jesus Santos Viana, 2006).

O seixo rolado, durante muito tempo, foi empregando na mistura (cimento, areia grossa e seixo) do concreto, utilizado na indústria da construção civil. Somando-se a isso, havia lugares que vou chamar de pedreiras, locais nos quais a rocha fica acima do solo e os trabalhadores a quebravam, para ser empregada na construção de casas, na etapa que os pedreiros chamam de fundação. Esse material era posto nas carrocerias de caminhões, carregadas e descarregadas pelos “ajudantes de caminhões”.

Dona Maria recorda de outras atividades relacionadas ao trabalho, a de transportar água de poços, cacimbões e chafarizes, no geral, em latas, “latas de querosene”, assim conhecidas na periferia de Teresina, porque sua utilização inicial era no acondicionamento de derivados de petróleo que as pequenas mercearias e quitandas dos bairros comercializavam a retalho, comprava-se uma garrafa ou um litro de querosene. Homens carregavam duas latas, amarradas a uma haste de madeira, também conhecido por “cambo”, enquanto as mulheres transportavam as latas na cabeça. Outro tipo de trabalho era o lavado de roupa, atividade que as mulheres que migravam de outras cidades para Teresina, sem outras qualificações laborais, exerciam. Essas atividades, por vezes, eram a única renda da família sustentada pela mulher.

A entrevistada Doralice Maria da Conceição, citada na epígrafe, também é moradora do Buenos Aires e é mãe de Maria de Jesus Santos Viana, a entrevistada anterior. Logo no início da entrevista, recorda que, quando se mudou para o bairro Buenos Aires, a casa em que veio morar ainda não era coberta de telha. Veio do bairro Matinha, informação que confirma o relato da entrevistada anterior. Sobre a chegada ao novo local de moradia, narrou:

Aí eu encontrei uma pessoa minha lá de dentro da rua, lá no mercado, aí trouxe o material, comprou esse material todim e trouxe pra cá e fizeram uma barraquinha pra mim. Num era assim coberta de teia não [...] Eu botava água, lavava roupa, botava água nas casas pra poder ganhar meus troquim, botava água até doze horas, quando era doze horas eu ia fazer um gogurouzim pra mim, [...] aí é que de uma hora em diante era que eu ia botar água de novo, botava, eu vivia de botar água na cabeça, [...] roupa, eu lavava lá no Poti Velho. Sofri muito, sofri muito pra fazer essa barraquinha

veia, eu sofri demais. Aqui num tinha casa de jeito nenhum. Só tinha muito era bode, ovelha, tinha tanto animal, de noite, [cavalo como tinha aqui] os bichos batiam na janela do quarto. Graças a Deus fui muito trabalhadeira. Trabalhei de roça, trabalhei muito. Trabalhava de cozinha. Eu trabalhava em oleria, toda vida trabalhando [...]. (Doralice Maria da Conceição, 2006).

Dona Durica, como era conhecida pelos vizinhos, antes da transferência, possuía uma banca de venda de frutas e verduras na Matinha, mas já trabalhava com lavado e gomado de roupas. Repetiu que sofreu muito, trabalhava no transporte de água o dia inteiro, com um pequeno intervalo ao meio-dia, visando preparar feijão para si e os filhos. Já estava separada do primeiro casamento, mas encontrou uma pessoa no mercado São José, mais conhecido pelos moradores de Teresina como “Mercado Velho”, que a ajudou na construção da casa.

Lembra que, ao chegar ao novo local de moradia, encontrou muita dificuldade e tinha muito medo. Sabendo que ela vivia sozinha, indivíduos que andavam pelo caminho que passava em frente ao seu barraco diziam para ela ter cuidado com a onça, “[...] a onça vai lhe comer. [...] Aqui não tinha casa de jeito nenhum” (Doralice Maria da Conceição, 2006). Moradores das proximidades criavam ovelha, bode, cavalo, e que ficavam, no turno da noite, próximos da casa, faziam barulhos que amedrontavam os filhos e ela própria. Mesmo com as dificuldades que lembra ter passado, comprou o material para a construção da casa.

O registro sobre o trabalho foi repetido muitas vezes. As atividades foram variadas. Antes de vir para Teresina, trabalhou na roça, como a maioria das mulheres que vieram do campo para a cidade; trabalhou como cozinheira na casa de quem podia pagar ou não podia pagar; lavou e passou roupas; transportou água na cabeça; trabalhou em olaria, às margens do rio Poti, que eram pontilhadas de olarias, pequenas “fábricas” de tijolos e telhas. Ainda existe um polo de cerâmica o bairro Poti Velho, onde artesãos manuseiam a argila na construção de peças para jardins e ornamentação, de um modo geral.²

Lídia Maria Trindade morava no Bairro Água Mineral, quando da realização desta entrevista, em março de 2009. Pertenceu a uma prole de dezessete irmãos. Os pais eram originários do estado da Bahia, mas ela nasceu em Caracol (PI), município localizado no sertão do Piauí. Ao casar-se, morou em Cristino Castro (PI), município no qual pariu os dois primeiros filhos. Transferiu-se para Teresina no início da década de 1960, quando o marido adoeceu dos pulmões. De acordo

² O bairro Poti Velho, local onde iniciou o processo de instalação da cidade de Teresina, guarda um dos maiores patrimônios imateriais culturais da capital piauiense. É no Polo Cerâmico do Poti Velho que está a maior expressão do artesanato de Teresina: as cerâmicas.

com suas palavras, criou o marido e os filhos em Teresina.

Antes de transferir-se para o Água Mineral, morou em dois bairros da zona sul da cidade: Cidade Nova e Monte Castelo. Casas alugadas. Bairros novos, sem estrutura básica nenhuma. “Lá não tinha professor [...], lá não tinha nada, um monturo de mato, não tinha TV” (Lídia Maria Trindade, 2009). As instalações da primeira retransmissora de TV de Teresina, a TV Rádio Clube, foi montada no bairro Monte Castelo. As duas casas onde morou naqueles bairros eram de taipa e cobertas de palha.

Transferiu-se para o “bairro” Água Mineral³ na década de 1960, quando recebeu um lote de terra, concedido pela Prefeitura Municipal de Teresina, provavelmente na administração do prefeito Hugo Bastos, o último prefeito eleito pelo voto direto, antes do golpe civil-militar de 1964. Dona Lídia chegou ao Água Mineral entre 1964 e 1965, não precisou o ano. A entrevistada narra os momentos iniciais da transferência:

Meu amigo aqui eu não encontrei nada, aqui não tinha água, não tinha luz, não tinha estrada, não tinha mercado aqui não tinha nada. Eu ia comprar pra comer lá no Mercado no Velho, eu ia daqui de pés ia comprar lá, porque aqui não tinha onde, de jeito nenhum, tô dizendo que eu sofri. Na cabeça, ora não era, onde chegar, tinha que ser na cabeça. E água quando não era no rio, era num poço que tinha acolá que a gente comprava, quando era pra beber era Água Mineral e aí quando pararam de dar água por que água toda ser era mineral mesmo aí a gente ficou de beber no rio. Essa casa aqui foi adquirida muito fácil e muito difícil. Eu trabalhava lavando roupa, nunca me criei na casa de seu ninguém, e nem filha minha nunca trabalhou empregada nem pra ganhar um tostão porque eu nunca deixei. O pai não podia trabalhar, depois acidentou a perna, aí eu arrumei a aposentadoria pra ele. Eu soube viver no mundo, graças a Deus. Mas aí com ele aposentado, foi facilitando mais a vida ajudando, eu trabalhando. Meu filho tudo estudando, minhas filhas começaram a estudar. A minha filha mais velha começou a estudar lá na 13 de Agosto [...] graças a Deus melhorando, daqui ela já foi estudar no Domício nesta casa bem aqui. (Lídia Maria Trindade, 2009).

³ “O Bairro Água Mineral passou a ser habitado no final da década de 70, e início da década de 80. Nesse Período existiam poucos moradores e alguns se tornavam pontos de referência como “A Casa da Velha dos Gatos”, “A Casa do Prefeito”, e a “A Casa da Dona Maria.” Nessa época no bairro não havia água encanada, nem iluminação pública, e as casas eram todas de taipa. A população conseguia água através do famoso poço do “Compadre Zequinha”, hoje falecido. O Bairro só passou mesmo a ser povoado entre as décadas de 80 e 90” (Prefeitura Municipal de Teresina, 2018a).

De forma assemelhada às outras entrevistadas, destaca que o local não possuía os sistemas de abastecimento d'água, energia elétrica, transporte coletivo. Para adquirir os gêneros de primeira necessidade (feijão, arroz, farinha de goma, etc.) era obrigada a deslocar-se para o centro da cidade, mais precisamente para o Mercado São José, conhecido pelos moradores como Mercado Velho. O transporte dos produtos, arrumados em uma “trouxa”, era sob a cabeça e o trajeto feito a pé. A água consumida na casa podia ser adquirida em um poço, mencionado por outra entrevistada, de propriedade de uma indústria que engarrafava a água mineral. Dona Lídia, entretanto, acrescenta que, em dado momento, a doação da água foi suspensa e a família passou a consumir o produto tomado diretamente do rio Poti ou de um poço cacimbão, em que a água deveria ser comprada.

Dona Lídia orgulha-se de não ter permitido que as filhas trabalhassem como domésticas e, mesmo diante das dificuldades relatadas, de tê-las botado para estudar. Ao longo de anos fazendo entrevistas, foi bastante comum ouvir dos pais ou dos filhos que saíram de municípios piauienses ou de outros estados que uma das razões que ensejaram a vinda para a cidade foi acreditar que os estudos seriam a possibilidade de um futuro diferente daquele que tiveram trabalhando na roça. A narradora não teve a oportunidade de ir para a escola e, por muito tempo, não sabia ler. Lembra com muita convicção e refletindo sobre a sua trajetória de vida: “Não é só quem sabe ler que pode viver no mundo, eu acho que não” (Lídia Maria Trindade, 2009).

Dona Lídia, se comparada com as outras duas mulheres apresentadas neste texto e que tiveram suas narrativas incluídas na composição deste, tinha uma vantagem: ao chegar no Água Mineral possuía uma renda fixa, resultado da aposentaria do marido. Esse fato, todavia, não impediu que ela fosse trabalhar como doméstica e o relato de uma dessas experiências indica as dificuldades no relacionamento entre patroa e empregada: “Fui trabalhar na casa de um pessoal muito ruim, uma mulher muito carrasca, morta de fome, eu sentia tanta dor, por aquilo ali, eu trabalhava pra morrer pra levar comida, resto de comida pra meus filhos [...]” (Lídia Maria Trindade, 2009). O registro do trabalho indica que precisou ser uma mulher com muita disposição e necessidade de trabalhar. Lembro aqui de uma característica da memória proposta por Michel Pollak: “A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” (Pollak, 1992, p. 4). Não se pode esquecer do lugar de fala que é também um constituinte da memória.

Para receber o terreno no qual construiu a casa, passou uma manhã inteira em uma fila, forma de organização de pessoas por ordem de chegada que lembra de não ter conhecimento, até aquele dia

[...] cheguei era cinco horas da manhã, fila, de repente começou a chegar muita gente, eu fiquei, eu não sabia o que era fila, na minha terra ninguém sabia o que era fila, eu nunca soube o que era fila. Fiquei na fila, quando foi doze horas do dia, todo mundo saiu e eu fiquei, quando chegou dois homens, cada um com uma pasta, aí falou ali com ele tal, aí eles chegaram falaram ali – ‘dei com a mão’ –, morta de fome de tá em pé. (Lídia Maria Trindade, 2009).

Nasceu na Bahia, cresceu em Caracol, depois de casada, morou em Manoel Emídio (PI) de onde partiu, em virtude do marido ter contraído uma doença pulmonar. Dona Lídia não chamou a doença pelo nome de tuberculose, mas é muito provável que fosse essa a doença do seu marido, porque o hospital Getúlio Vargas, inaugurado no início da década de 1940, possuía um pavilhão, também conhecido entre os populares como “pavilhão dos tuberculosos”, destinado aos indivíduos acometido pela doença. Conseguiu um terreno, construiu uma casa e, em seu dizer, foi “melhorando”, “melhorando”. Morava no Monte Castelo, um lugar que, segundo sua opinião, não tinha nada e veio morar noutra que também não tinha nada, estava conseguindo o sonho de ter uma casa que pudesse chamar de sua para abrigar os filhos e o marido. “Estou morando no Monte Castelo, mas a casa não é minha, eu não quero nada dos outros, porque eu não sou dona, não posso ser dona nunca, então quero que você me faça essa esmola. Aí ele ficou assim, pegou o papel e escreveu. [...]” (Lídia Maria Trindade, 2009).

Maria do Livramento Rodrigues Rios, como as demais entrevistadas, não nasceu em Teresina, e sim na zona rural do município de União (PI), localizado ao norte da capital, Teresina. Chegou de mudança, em 1962, e foi morar em um “barraco de buriti”, localizado na Avenida Maranhão, que margeia o rio Parnaíba, curso d’água que separa o Piauí do Maranhão, em grande parte de sua extensão. A avenida não existia ainda, o barraco ficava à margem da estrada de ferro que ligava Teresina a São Luís (MA). Ficara órfã de mãe em 1945. Casou-se em 1952. Quando a família resolveu mudar-se para Teresina, estava morando na zona rural do município de Caxias (MA). Nesse lugar, a atividade de dona Maria do Livramento era quebrar o coco babaçu e extrair a amêndoa para a venda.

Ao chegar em Teresina, foi morar nas proximidades do rio Parnaíba em um barraco adquirido pelo marido, cozinhando para atender ao “povo” que vinha nas lanchas e gente do interior que vinha de carro.

Fiquemo fazendo de comer, nessa barraca, comida pra vender. Quem mais vinha era o povo que vinha nas lanchas, nesse tempo tinha lancha, viu, e os que vinham de carro aqui do interior, era quem mais a gente atendia mais

era do interior. Aí meu marido ficou trabalhando de vender verdura. Dessa barraca, nós saímos e formos pra casa do finado Laurentino Machado. Aí, nós trabalhamos lá até quando passou a avenida. (Maria do Livramento Rodrigues Rios, 2006).

Dona Livramento trabalhou fazendo e vendendo comida na barraca durante sete anos. Teve que sair em virtude da construção da nova avenida, a Miguel Rosa, já mencionada por outras entrevistadas. Obrigada a deixar o barraco de vendas de comida, foi morar na casa de um senhor chamado Laurentino Machado, localizada na Rua Jônatas Batista. Nesse novo endereço continuou fazendo comida para vender, agora o cozimento dos alimentos era feito em fogão a gás. Morou nessa rua até transferir-se para o bairro Buenos Aires, em 1970, quando para sustentar a família, o pai passou a vender frutas e verduras em uma banca. Dona Livramento recorda que “[...] na barraca, pra lhe dizer, tudo lá era uma cinza, a gente só vendia porque naquele tempo não tinha essa, como é que se diz a higiene de hoje. A comida era feita a lenha. Agora quando nós viemos pra cá, pra casa do compadre Laurentino, nós compramos fogão, continuamos na mesma atividade” (Maria do Livramento Rodrigues Rios, 2006). A vida no trabalho era intensa e voltada para a sobrevivência

Dona Livramento, ao lembrar da transferência para Teresina, destaca que essa foi uma decisão acertada, porque permitiu que os filhos tivessem acesso à vida escolar, “[...] bondade melhor foi o estudo pra meus fios, que se eles tivesse nascido e se criado lá no [interior] eles não sabiam nada e aqui todos eles, se não sabe muito, mas não são como eu” (Maria do Livramento Rodrigues Rios, 2006). É recorrente a lembrança sobre uma das razões da transferência da zona rural para Teresina, oportunizar o acesso dos filhos ao ensino regular. Permitir a eles o acesso à informação que os pais não tiveram. No caso específico, mesmo se transferindo para Teresina, Dona Livramento relata que “[...] a luta era tanta que eu não tinha tempo de assistir [...] rádio, jornal, porque televisão, neste tempo nós não tinha. Não é como hoje que eu me sento aí vendo as coisas” (Maria do Livramento Rodrigues Rios, 2006).

Sobre a transferência do centro para o bairro Buenos avalia que também foi muito bom, apesar das dificuldades,

[...] era como uma zona rural, por aqui. Era muito diferente [...] Hoje, Ave Maria, aqui tá uma cidade e nós ficamos no coração da cidade, porque aqui, oh, a Coca-Cola bem ali e os outros, os colégios, tem aquele ali, tem esse aqui, tem hospital pra li, tem hospital pra cá. Água Mineral. Mas a gente consulta. Não era muito violenta não. Naquele tempo num tinha violência

não. Tinha, porque toda vida teve violência. No começo do nosso mundo já foi, né. (Maria do Livramento Rodrigues Rios, 2006).

O deslocamento dessas pessoas para longe do centro foi um dos fatores que determinou o processo de horizontalização de Teresina e com ele o crescimento das demandas dos moradores dos bairros periféricos por abastecimento d'água, energia elétrica, telefone público, pavimentação de ruas e avenidas, postos de saúde e/ou hospitais, transporte coletivo e outros equipamentos urbanos.

Maria dos Remédios Araújo Silva morou, ainda criança, na zona rural do município de Novo Nilo (PI), de onde se mudou com a família para União (PI). Foi deste município que se transferiu para Teresina, em 1970. A razão para a transferência foi o desejo de poder se vestir adequadamente, pois a mãe não tinha condições financeiras para atender à demanda da filha. Ainda adolescente, veio trabalhar como doméstica em Teresina, como ela mesmo narra: “[...] aí um dia tocou de sorte e eu vim pra cá mesmo trabalhar numa casa aqui. Aqui eu aprendi fazer bolo, aprendi fazer comida aí eu retorno pra lá de novo mais ainda amininada” (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009). Quando se decidiu pela vinda para a capital, na segunda vez, tinha um ponto de apoio: “[...] tive que vir morar com a minha irmã pra arrumar um emprego por aqui nem que seja numa casa de família” (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009). Considera que teve sorte de vir trabalhar como doméstica.

Já em Teresina, antes de vir morar no bairro Buenos Aires, passou uma temporada no bairro Ilhotas, bairro localizado na zona sul. A casa da irmã não possuía instalação elétrica, mas a rua já era servida por rede elétrica, embora não fosse calçada. Dona Teresa, irmã de Maria dos Remédios, lembra que só via calçamento quando se deslocava para o centro da cidade. A entrevistada sentiu muito quando se mudou para o Buenos Aires, pois sentiu falta da iluminação elétrica na rua: “[...] mas aqui não tinha em nenhuma, não tinha de jeito nenhum. Só lá embaixo, lá embaixo na avenida que passa o ônibus, depois foi que ela subiu pra cá” (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009). A avenida à qual se reporta é a Duque de Caxias, que se estende do centro em direção à zona norte da cidade. Denuncia que o fornecimento de energia elétrica não chegava no lugar onde foi morar. Era só mato:

O Buenos Aires aqui, como eu já lhe disse, só mato e pouca gente. Pouca gente mesmo porque aqui eu só via mato, mato virgem mesmo. E aí foi que foi melhorando, melhorando aí foi que ficou assim mais urbanizado. O abastecimento de água era o chafariz ficava lá embaixo a gente tinha que pegar a lata d'água na cabeça. E subir esse morro aqui, eu mesmo já subi esse

morro aqui com lata d'água na cabeça grávida da minha primeira menina. Mas aqui não tinha nada pras pessoas virem não, não tinha luz, não tinha nada. (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009).

Dona Maria dos Remédios confirma as informações prestadas pelas outras entrevistadas sobre o modo de obter água, ou seja, através da coleta em um chafariz, o transporte feito pelas mulheres com uma lata d'água na cabeça. Depois, chegou a luz, e veio a água, aí melhorou a situação. A seu modo, denuncia que o poder público não ofereceu nada àqueles que foram morar no Buenos Aires. Quando chegou no bairro, não tinha luz, não tinha nada. O terreno para a construção da casa foi doado pela Prefeitura Municipal de Teresina na administração do prefeito Jofre do Rego Castelo Branco (31.01.1967 a 10.10.1969). “Aqui não, aqui quem me deu o terreno foi a prefeitura. Na época ela deu terreno pra todo mundo. O meu era lá na esquina da minha mãe que o Coronel Jofre me deu, aí eu fiz uma, uma, aí nós ficamos com esse e eu dei aquele lá pra ela” (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009).

No início da ocupação do bairro, as moradias foram construídas de taipa. As paredes da primeira casa de Dona Maria dos Remédios foram construídas do mesmo modo que o da maioria, sendo que a cobertura já era de telha, realidade distinta de outras entrevistadas, que tiveram suas primeiras casas cobertas de palha de coco babaçu. Lembra que, a cada período chuvoso, as paredes da casa precisam ser reconstruídas, porque desmoronavam com as águas das chuvas. “Aqui quando chegava o inverno era parede caindo, moleque levantando a parede. Levantava de noite, amanhecia caído, torna a levantar de novo pra passar outra noite aí tornava a cair de novo que a chuva derrubava tudo. Assim, a vida era essa aqui” (Maria dos Remédios Araújo Silva, 2009). A luta de Dona Maria dos Remédios contra as intempéries e o descaso do poder público para com os moradores dos bairros da periferia foi intensa.

Conclusão

Ouvir foi o que os pesquisadores fizeram, ouvir atores sociais participantes da construção de bairros de Teresina. Ouvir é fundamental para quem trabalha com a História Oral, construindo fontes, mas diria que a prática deveria se tornar um elemento constituinte do ser humano. Ouvir é uma arte. Li esta frase em algum lugar. Somos treinados para ouvir, desde muito, muito cedo, mas se aprende ouvindo, ouvindo o outro com respeito.

Ao ouvir os moradores que vivem a mais tempo dos bairros Buenos Aires

e Água Mineral, não desejamos apenas provocar as suas lembranças sobre os aspectos materiais de construção dos bairros, se faz necessário atentar para o modo de narrar de cada um deles(as). Em suas falas, se pode localizar os desejos, a imaginação (Portelli, 1993). Mas é necessário também aprender a olhar e o fizemos olhando para quem morou em dois bairros e que, em seus relatos, destacam não ter encontrado nenhuma estrutura básica quando ali chegaram. Olhar e tentar enxergar, ver.

Ao ouvir a narrativa das mulheres que trabalhavam transportando água, porque não havia abastecimento d'água nos bairros, fosse para o uso caseiro ou para ganhar um “troquinho”, visando a alimentação dos filhos, era preciso imaginar a luta cotidiana pela sobrevivência. Ao ouvirmos o relato de uma mulher grávida da primeira filha, que teve que carregar água numa lata na cabeça a “subir aquele morro”, a imaginação deveria nos levar a refletir sobre as dores do corpo nas subidas e descidas do morro. Imaginar, imaginar, porque não vivemos aquele cotidiano do mesmo modo, e nem poderíamos, trata-se de outra experiência, a experiência dela.

Todas as mulheres se reportaram ao trabalho. Não se referiram ao que se chama dupla jornada de trabalho, embora tenha sido assim, sempre. Algumas delas foram mãe e pai e precisaram trabalhar para criar os filhos e o fizeram bem, orientando-os para a escola, para o estudo, incentivando-os para que tivessem um futuro diferente do passado que elas viveram.

Mas todos os relatos refletem sobre um presente que avaliavam como bom: tinham as moradias construídas para a família, com água tratada, energia elétrica, morando em bairros com transporte coletivo, hospitais, escolas, ruas calçadas e asfaltadas, à época com telefones públicos. Era muito bom morar ali e ninguém disse que gostaria de mudar para outros bairros. Aquele passado difícil não foi esquecido porque lembraram, nas entrevistas, mas ao tratar do presente, da casa própria, das melhorias das condições de infraestrutura dos bairros, deixaram transparecer tranquilidade, paz, afinal de contas, um dos seus sonhos fora concretizado: a propriedade da casa, o sonho de outros milhares de brasileiros.

Referências

BARROS, Helvídio Nunes de. *Tempos de política*. Teresina: Alínea Produções, 1996.

BARBOSA, João Alexandre. Prefácio. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Tradução Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade*. São Paulo: Editora Contexto, 2004.

CORRÊA, Roberto Lobato. Sobre agentes sociais, escala e produção do espaço: um texto para discussão. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUSA, Marcelo de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). *A produção do espaço urbano: agentes processos, escalas e desafios*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 41-51.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FAÇANHA, Antonio Cardoso. A evolução urbana de Teresina: passado, presente e ... *Carta CEPRO*, Teresina, v. 22, n. 1, p. 59-69, jan./jun. 2003.

MONTE, Regianny Lima. *A cidade esquecida: (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – UFPI, Teresina, PI, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação (SEMPPLAN). *Perfil dos bairros: Água Mineral*. Teresina 2018a. Disponível em: < <https://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/05/%C3%81GUA-MINERAL-2018.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

PREFEITURA MUNICIPAL DE TERESINA. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação (SEMPPLAN). *Perfil dos bairros: Buenos Aires*. Teresina 2018b. Disponível em: < <https://semplan.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/sites/39/2018/05/BUENOS-AIRES-2018.pdf>>. Acesso em: 18 dez. 2020.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos ucrônicos: memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. *Revista Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 41-58, dez. 1993.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007

_____. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*.

4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Orfeu extático na metrópole*: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TAVAVES, Zózimo. *Alberto Silva*: uma biografia. Teresina: Bional Editora, 2018.

Fontes orais

CONCEIÇÃO, Doralice Maria da [92 anos]. [jul. 2006]. Laércio Barros Dias e Regianney Lima Monte. Teresina, PI, 1 jul. 2006.

RIOS, Maria do Livramento Rodrigues [72 anos]. [jun. 2006]. Regianney Lima Monte e Laércio Barros Dias. Teresina, PI, 24 jun. 2006.

RIBEIRO, Joel da Silva [79 anos]. [dez. 2006]. Laércio Barros Dias e Regianney Lima Monte. Teresina, PI, 5 dez. 2006.

TRINDADE, Lídia Maria [78 anos]. [mai. 2006]. Regianney Lima Monte. Teresina, PI, 15 mai. 2006.

VIANA, Maria de Jesus Santos [49 anos]. [jul. 2006]. Regianney Lima Monte e Laércio Barros Dias. Teresina, PI, 1 jul. 2006.

SILVA, Joel [56 anos]. [jul. 2002]. Francisco Santiano Júnior. Teresina, PI, 20 jul. 2002.

SILVA, Maria dos Remédios Araújo. [55 anos]. [mai. 2009] Regianney Lima Monte. Teresina, PI. 15 mai. 2009.

Resumo: O artigo versa sobre a participação de mulheres no surgimento dos bairros Bueno Aires e Água Mineral, em Teresina (PI), no período de 1960 a 1980, visando contribuir para a produção historiográfica da cidade, especialmente para a história dos dois bairros citados. As fontes priorizadas na construção da narrativa foram entrevistas, utilizando-se a metodologia da História Oral, tendo como modelo a trajetória de vida. A documentação está arquivada no Núcleo de História Oral da Universidade Federal do Piauí (NHO-UFPI) e resultou de projetos coletivos ou individuais desenvolvidos por professores e bolsistas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do curso de História da universidade, durante a década de 2000. Foram ouvidas mulheres com mais tempo de moradia em ambos os bairros. As lembranças, mas também os esquecimentos, dos atores sociais ouvidos foram interpretados como o apoio de Pollack (1992, 1989); Bosi (1987); Ricoeur (2007); e Carlos (2004).

Palavras-Chave: Bairro. Teresina. Esquecimento. Memória. Modernização.

Stories and memories of residents of Buenos Aires and Água Mineral districts

Abstract: The article deals with two districts of Teresina (PI), Buenos Aires and Água Mineral between 1960s and 1980s and the participation of women in the settlement of their districts. It intends to contribute to the city's historiographical production, especially which of the districts mentioned. The prioritized sources in the construction of the narrative were interviews using the methodology of Oral History, using life trajectory as a model. The documentation is filed at the Oral History Center of the Federal University of Piauí (NHO-UFPI) and resulted from collective or individual projects developed by professors and scholarship holders of PIBIC (Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships) in the university History Course during the 2000s. They were heard women with more spent time in their residence in the two districts. The memories, but also the forgetfulness of the social actors heard, were interpreted as the support of Pollock (1992, 1989); Bosi (1987); Ricoeur (2007); and Carlos (2004).

Keywords: District. Teresina. Forgetfulness. Memory. Modernization.

Recebido em 21/05/20

Aprovado em 27/11/20